

A EXATIDÃO DO CAOS

ANDRÉ MIRANDA SILVA

ASTENIA

*as.te.ni.a s.f. MED perda ou diminuição
da força física”
– Houaiss*

ASTENIA é essa eterna saída do caminho no meio dele. É esse sempre parar com as coisas sem que nada tenha acontecido. É encontrar muros e não subi-los. É ser impedido e unca impelido. É sair do jogo sem começar a jogar. É a impotência, a impossibilidade de encarar o desafio. É a perplexidade diante das coisas do mundo. A incapacidade de apreender as informações e processá-las. É não entender e não ser entendido. É sempre o equívoco e a insegurança depois. Astenia é não viver.

eu sei eu sei
que tem muito
que eu não sei
 o que é melhor
 olhar a lua cheia
 ou fotografias
 de abelhas?
o mundo bate
ou melhor
as coisas
 eu não tô na reali
 são muitos caminhos
 e muitas escolhas
ou talvez
tudo é tão simples
que eu ainda não vi
 não sei não sei
 nem vivi

cansei.

mas enquanto descrevem a
estrutura do dia ou
a gramática da língua
em folhas de papel
folhas caem
das árvores
e não podem
ser faladas
as palavras são muito bonitas
mas já não bastam

se ninguém viu ouviu
não existe
 as folhas dos livros
 as folhas das árvores
 têm o mesmo valor
 e são inúteis
se o sol explodisse
eu morreria
agora ou
em bilhões de anos
 se eu morrer eu não tenho
 nenhum plano b

preciso que me dê a mão
porque a vida é infinita
e o instante me assusta
 ou todo mundo é ruim
 ou sou só eu
que estou lá fora
ao meio dia
hora em que nada
nada circula
 se eu dissesse
 uma mentira
 sei que não gostaria
a vida são só pastos
e pontos de ônibus
 por isso vamos
 correr correr
 até cair
mesmo sem chegar
a nenhum lugar nenhum
 o importante
 é estar.

fala
é mais fácil
que a desfala
e mais difícil
que a não fala

resvala no
querer dito
o que se
quer dizer

e o que
se quer
se deve
nunca
interditar

raiva
contra o mecanismo
um abissal
desejo
de um corpo
ou copo
d'água

o abismo
da não fala
é vazio
e muitos são
os que o acham

(sai dele
sai dele
meu povo)

os que não
podem
o trabalho
de se abrir

os que não
querem
o peso
de sorrir

As palavras são muito bonitas
mas já não bastam
a vida é vivida
em não viver
vidinha de rotinas
e conveniências

NINGUÉM MAIS GRITA

o poeta que vive em mim
dorme o dia inteiro
o deus que vive em mim
se desconverteu
nem sempre se pode ter
tudo que se quer
as cordas vibram
o baixo sobressai
a bateria explode
mas
ninguém grita mais

se me pegam na rua
já era eu
 a boca se cala
 e nisso acerta
a língua é muito falha
e não serve
pra defender
 nem posso me esconder
 por trás caneta

recebo
um olhar
um sorriso
e ando mais rápido
desvio

medo
de realizar

se é pelo bem de todos
e a felicidade geral da nação
– mente sã
corpo são –
passaremos sim
em frente a vocês
na primeira do plural
passaremos sim
de mãos dadas
de braços dados
de corpos grudados
passaremos sim
com fones de ouvido
para esquecer com que frequência
vocês nos iludem
passaremos sim
de peitos abertos
e olhos lavados
para ver o fim
e o que vem
muito antes do começo
passaremos sim
todos juntos
para verem o quanto somos
diferentes e iguais
passaremos sim
ao vivo ao meio dia
para que vocês não precisem
nem ver seus jornais
passaremos sim
para que vejam
o quanto odiamos
uns aos outros
mas para que vejam
que entre nós
há sempre a certeza
do perdão

do alto das sarjetas
do fundo das calçadas
de dentro das carteiras
debaixo das janelas
 silêncios
 condições
 cautelas
desde o passado até agora
reclamar não deu em nada
não é enredo de novela
os fracos não têm vez
se você fez algo
ninguém sabe que fez
é preciso mais que vida
mais que funções vitais
é preciso mais que arte
é preciso superar
 vejo arte
 em toda parte
 vejo lixo
 já vi morte
mas eu não vi
a solução
 que é a força
 que é a firme
 resolução

é apenas o começo
andamos calados
criando aqui dentro
uma desobediência
 mas quem somos nós?
 um pronome
 rostos frágeis
a força que calamos
não vai explodir?
 (que força?)
 poderia ser
 no papel
 na tela
 ou na voz
 digital
mas as palavras
elas não bastam
 não

Poema artefato *vs.* Poema discurso. Sem versus. Só versos.

(Sem trocadilhos ruins como esse). Construir aquela rua de que eu falei. De dentro pra fora. Montar a crocância da casca do pão.

Emoção? Emoção. Construção. Como criar e ainda mostrar o que está? Sem dilemas... (?) Sem tensões... (?)

Poesia é problema (?)

Mas não posso entender que algo nasça do não. A fria negação. A luz trêmula e pálida. Nada serve como alimento. As coisas têm de ser vistas nas suas devidas proporções. Mesmo que assim seja: não ir à festa. Rato de biblioteca. Fichas de cartolina. Mesmo que não seja assim: diversão é solução, sim. É desse modo que se vive – através dele. E seu muito poder. Sim, senhor. Através do sim.

As coisas escapam por entre os dedos. O mundo. O que acabou de acontecer. Como andar de olhos fechados. O tempo é uma poeira fininha. Inalcançável. Inatingível. Intangível. Todos os adjetivos. Principalmente na rotina so-nâm-bu-la. A retina tão dificilmente excitável. Olhar olhar e não ver nada. Viver sem saber. O mundo foge. As coisas. Viver sem viver. Sem viver. Astenia.

28.4.2015

o sol refletido no concreto
machuca as rotinas
no passo sonâmbulo dos dias
as calçadas escorrem
debaixo dos pés que buscam
uma orfandade voluntária
aquela outra sozinhez
que é dentro de si
em meio a outros

CONSERTA-SE:
celulares – tablets – PCs
e nada mais

ninguém pode imaginar a paz
contida em um copo d'água

o ser transtornado
se devora em perguntas
surdas ao extremo:
o aqui dentro? o lá fora?
até onde chegar
à força de verdades?
e não é sua lembrança
que passa na janela
através de muitos metros
na neblina?
um segundo passageiro
se levanta
cansado de pensamentos repetidos
até o absurdo.
o tempo parado
absoluto
impede que as coisas
se dissolvam.
nem tudo se resolve
com falagens
(o general e sua
falange imperial
beberam o sangue
do inimigo –
beberam um pôr-de-sol
terra vermelha
vaso de argila)
as pontas soltas do passado
levantadas pelo vento
marcando os umbrais
das portas abertas do presente:
passaremos? ficaremos?
são dúvidas duplicadas
na lâmina dura da água
à beira da estrada

LONG PLAY
(365 rpm)

LADO A

- *“Deem-me uma outra vida e estarei cantando...”*
 - *Iósif Bródski*, Para minha filha

1. Intro

mal nasci
já planejo crimes
– que eu traia
mas não seja nunca traído
por esta palavra:
 (ou esta:
 ou esta:
 ou esta:)
– que eu invada
mas não seja nunca
invadido por este pudor
 este desejo escondido
 de não viver
 de sentar em cantos
 de paredes
 e responder o eco
 da própria voz
– que eu tema
mas não seja nunca vítima
do medo dos outros
que tem calado a voz
dos nossos abraços
– que eu roube
mas que nunca tirem de mim
o que eu tenho de eterno:
 as paredes do instante
 que bloqueiam
 que são maiores que os antes

2. voyeur

a.

suéter de losangos e óculos de coração
 (alguma lolita com frio)
 esperava o ônibus perto da rua
 e sorriu juro por deus
 de mostrar os dentes
 por trás do batom vermelho

me entristece perceber que eu descrevi a mulher
 como quem descreve uma caixa de frutas
 ou um copo com um resto de leite
 em cima da mesa
 me perco nessas voltas
 mas nem aprendi
 a usar as palavras)

b.

inutilmente esperei um milagre
 de pé encostado na grade
 enquanto o ônibus não vinha
 ninguém se jogou no meu pescoço
 ninguém ninguém nos meus braços

a ficção alimenta sonhos falsos
 mas alimenta sonhos
 essas meninas têm o rosto impermeável
 maquiagem a prova d'água e de teorias
 antes da viagem antes de tudo
 a poesia não tem a menor impotência
 o poeta grita no livro fechado
 mas além de livros um país
 se faz de homens e mulheres
 de mulheres e mulheres
 de homens e homens
 de palavras
 de ideias
 etc.

c.

dentro de si é uma mala 007
 de que ninguém sabe o segredo
 (exceto é claro aquele amigo
 matemático mestre em combinatória
 e convívio social)

maleta dessas que se viola a tiro
mas eu não saio abrindo
os mistérios de ninguém
por muito menos já morri
por muito menos outros
já perderam o ponto

uma pessoa que na vida
só chegou atrasada
por trocar o sim pelo não e vice-versa

ando a pé não corro o risco de ficar muito tempo
me prender a quem seja na calçada
e esquecer a verdade

a verdade a verdade a verdade

[[repeat]]

3. objeto de desejo

enquanto você não está aqui
 rugindo suas músicas de
 pré-duplo-homicídio-suicídio
 remastigando essas lembranças
 remasterizadas
 de um passado inútil
 ou a nostalgia futura
 de um tempo impossível
 e descafeinado essas
 fantasias que se vê em toda esquina

enquanto você não está se lamentando
 e eu não me lamento pra você
 de não ter agarrado enquanto podia
 todas as chances que o mundo
 dava dava voltas e eu imóvel
 bem como um móvel na sala
 um sofá calado e útil
 (você me chamava de
 criado mudo
 e eu não sabia o que era isso)

enquanto você não está fazendo
 seu habitual espetáculo
 (a vida é um cinema em
 dia de chuva)
 ou torturando as pessoas com
 sua voz de navalha na carne
 ou fazendo ligações perigosas
 uma vida-montanha-russa
 ou contando vantagem e
 histórias comoventes que mais parecem
 piadas sem graça
 ou servindo nossos olhares
 de mais um exemplar
 da sua antiarte inútil
 ou dizendo futilidades
 da sua prima ou daquela
 sua amiga que bem que
 podia ter morrido
 ou do seu gato
 que é só um pedaço gordo
 de carne de cadáver

enquanto você não vem
 é como se eu fosse um estrangeiro
 na minha própria vida

4. definições

1.

arte é o vazio refletido no espelho
 enxergar através de lentes
 antimiopemente fazer questão
 de que a água seja bem peneirada
 correr atrás do vento pra usar
 uma referência clássica
 é fazer com que o velho
 pareça nascido agora
 e reformar os olhos com catarata
 reciclar os ouvidos dos surdos
 deformar o que está aí
 para que mudando tudo
 se chegue à forma real das coisas

2.

ela disse
 Tudo é arte
 e eu ia começar a dizer
 Não...
 – ela me interrompeu com aquele olhar
 que significa
 Já vem você me chamar de burra

 (como se eu não fosse a carne
 que diz sim pra tudo
 aquele que é ofendido
 e pede desculpas
 o desprezível desprezado
 que se humilha se rebaixa
 para que os outros sejam
 os glorificados
 escondido debaixo
 das solas dos príncipes
 do mundo
 esses outros que nunca
 jamais levam porrada
 os que apontam e riem
 dos que só têm de seu
 coisas emprestadas
 – usadores de palavras)

3.

inútil dizer o que é o poema

o poema é esse fazer e refazer o nada
do nada –

silêncios exaltados

nem poucas nem mais palavras

palavra.

4.

precisamos de algo mais que definições
precisamos de edificações de areia
de fortificações de ar
precisamos de sonhos antes de tudo
sonhos para realizar dar vender
ou enterrar no quintal de casa
os meus ideais estão num lugar bem seguro
enfiados onde ninguém vai pôr a mão
a minha segurança são os cadeados
e os cadeados dos cadeados
a minha segurança
é que hoje tudo é automático
(falo hoje como se houvesse o passado)
e todos podem sair sabendo que ao voltar
seus segredos estarão bem guardados
na boca dos amigos dos amigos dos amigos
dos conhecidos dos amigos dos conhecidos
dos ex e dos ex dos ex amigos
e nem digo nas bocas digo nos dedos
digo nas redes digo nos bytes dos sites
lugares onde a eternidade
é transitória

5. Notas

Ontem

Ouço os barulhos aí de fora e soffro. Ai.
 Não adianta olhar pela janela que não vem ninguém.
 Pensei que os diamantes fossem para sempre. Estava enganado.
 Parece que eles mofam e apodrecem quando na sombra da
 verdade jogada na cara.
 Não adianta.
 Não vem ninguém.

Há dez dias

A alegria do pão de milho contra as lâminas do álcool.
 Sabor de cobre e fumaça.
 Prevejo que vai começar tudo de novo.
 Estamos preparados para a necessária fuga.
 Imploro a Deus que seja mentira. Me ouviria?
 Imploro que a verdade seja o sonho que eu tive ontem. Pai!
 Como eu soffro!
 Desenhei no chão com giz.
 Um jogo. Um zigue-zague. Contra o tique-taque dos que me
 compram e vendem. Absoluto. Frente a frente não sei falar. Só
 abraços. Um absurdo.
 Desse jeito que nos desespera. Dizes pera. Sinto a aflição de
 seus olhos tão modernos. O que eles querem é o contrário do
 que eu. Por isso sinto esta como que faca de açúcar quando
 estou feliz contigo mas a felicidade não é completa porque por
 mais que eu te toque e ouça você ainda fala uma língua outra.
 Escrevo pra você sob uma rajada de silêncios, emoções
 contrárias. Nunca lerá.
 Mas eu insisto em ver flores e abelhas e lembrar.
 Além disso o modo como você me faz sofrer e flutuar é
 totalmente útil pra essa arte fútil.
 E fatalmente não teremos nenhuma paz.
 Nem rimas.
 Querido diário.

Há vince e cinco dias

A última semana.
 Sempre éramos idiotas antes de hoje.
 Ou somos todos os dias mas o fato de ser hoje nos torna cegos
 a essa idiotice.
 O ano começa a acabar.
 Tive que fazer essa tentativa. Se não der não deu e fazer o quê
 seguir em frente ou em outra direção de modo a nem
 sequer reste um vestígio dessa coisa absurda que se chama.

Vale a pena ler o último volume?
 Estou pensando em dar uma volta.

Ar.

*(Ontem assisti a um filminho de adolescentes. Ilusões vãs.
 Ricos e bonitos. Transgressão convencional. Vale nada).*

Há trinta e um dias

Essa música me faz sentir insuportavelmente adolescente.
 Insuportável In-su-por-ta-vel-men-te.
 O advérbio e-nor-me-men-te po-lis-sí-la-bo.
 Nem de erva nem de solidão louco de som.
 Menos lúcido que nunca.

Depois de amanhã

All you need is love
 and all I need
 is you
 <3

6. Notas 2

a.

Essa insuficiência que eu sinto
essa proibição
direito negado
será algum
resto de passado?

b.

O silêncio é difícil
de apreender
As palavras para ele
são poucas

c.

Aprendo a viver
com lápis e borracha
e nunca mais
com a caneta definitiva

- *fevereiro/março*

7. Encantado

pegar
um
atalho
para onde

os sonhos
são poluções noturnas

ou melhor
quando a manhã vem com aquele
sorriso besta
você
pega na mão dela
e vai
dar um passeio muito chato
mas pode
porque sofrer é bom
quando o sorriso
é bonito

8. Maquinaria

planejar essas mentiras
com a perfeição
do possível

- 21.4.2015

9. Choro

segunda-feira chuvosa e febril
e míope
e míope
e míope

(fazer disso um drama)

10. Notas 3

*

Somos incapazes de perceber
que estamos aplaudindo
um ser abjeto?

O que eu fiz em todo esse tempo não significa nada. Esse tempo vazio.
Intermezzo. Essa idade média da minha vida. Essa nulidade.
Amasso o papel e jogo no lixo. Mas não tenho nenhuma
segurança pra amanhã.

*

arrogância.
moedas.

11. População carcerária

1.

mandam a gente estudar
mas o que a gente quer é só
fugir da fábrica ou da vassoura

2.

nossos presos não tiveram a sorte a ousadia de um diploma alguns só se
formam pela cela especial

3.

tempo pra pensar...

12. Por fim

No princípio
era o nada.

16.8.15: Dissertação sobre o nada

O Nada.

é necessário escrever/vomitare. mas odeio vomitar, não dá prazer. a cartomante errou o vaticínio. é necessário falar de Nada mas sem falar de nada. Oco. perfeitamente à vontade comigo. não. não se trata de vomitar. mas de conter o vômito. o automatismo: vamos voltar de novo a esse assunto? completamente cansado. buscando esses espaços em branco. antecipar algumas leituras da lista?

Não há um
LADO B

- *“Atravessamos o presente de olhos vendados...”*
- *Milan Kundera*